

NOWTOPIA

© do autor
1ª edição 2014

Direitos reservados desta edição: Tomo Editorial Ltda.

Nowtopia: how pirate programmers, outlaw bicyclists, and vacant-lot gardeners are inventing the future today!
© AK Press, 2008

A Tomo Editorial publica de acordo com suas linhas e conselho editoriais que podem ser conhecidos em www.tomoeditorial.com.br

Coordenação editorial
João Carneiro

Edição
Krishna Chiminazzo Predebon

Comercial
Marga Comassetto

Tradução
Roberto Cataldo Costa

Revisão
Moira Revisões

Ilustrações da capa e miolo
Luciano Rodrigues Barbosa

Capa, projeto gráfico e diagramação
Krishna Chiminazzo Predebon
Tomo Editorial

CTP, impressão e acabamento
Gráfica Editora Pallotti, Santa Maria, RS

C284n Carlsson, Chris.
Nowtopia: iniciativas que estão construindo o futuro hoje. /
Chris Carlsson; tradução de Roberto Cataldo Costa. –
Porto Alegre : Tomo Editorial, 2014.
320 p.

ISBN 978-85-86225-84-0

1. Civilização – Cultura – Inovação. 2. Meio ambiente –
Inovação. 3. Tecnologia. I. Costa, Roberto Cataldo. II. Título.

CDU 008
502

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Pública do Estado do RS, Brasil)

Tomo Editorial Ltda. Fone/fax: (51) 3227.1021
tomo@tomoeditorial.com.br www.tomoeditorial.com.br
Rua Demétrio Ribeiro, 525 CEP 90010-310 Porto Alegre RS

NOWTOPIA

INICIATIVAS QUE ESTÃO
CONSTRUINDO O FUTURO HOJE

CHRIS CARLSSON

TOMO
EDITORIAL

Porto Alegre, 2014

Este livro é dedicado às pessoas, em todos os lugares, que já estão tratando de reinventar nossas vidas, de refazer nossas relações com as tecnologias e com a ecologia planetária, e que estão ocupadas demais com a construção do novo mundo para ter tempo para seus empregos idiotas.

AGRADECIMENTOS

Um livro que cobre tantos projetos coletivos e cooperativos só é possível com a participação de dezenas de pessoas. Embora eu seja o responsável por todos os erros e omissões, quero homenagear e agradecer às pessoas que me deram seu tempo e sua ajuda para produzir *Nowtopia*. Espero que este modesto volume ajude a promover o projeto de cada um dos colaboradores, à sua própria maneira. Em primeiro lugar, agradeço aos amigos que passaram muitas horas lendo a primeira versão de *Nowtopia* e fazendo críticas muito úteis: Tina Gerhart, Becky Sutton e Liam O'Donohue foram maravilhosamente construtivos e meticolosos em sua atenção. Charles Weigl e o coletivo AK me apresentaram uma crítica detalhada sobre o que era crucial ao reescrever o livro. Minha filha Francesca Manning me surpreendeu em várias ocasiões e foi uma ótima revisora nos últimos meses da produção. Adriana Camarena, Giovanni Maruzzelli, Pete Holloran, Maritza Shafer, Michael Med-o Whitson, Eddie Yuen, Mariana Leguia, Katie Renz, Greg Rodgers, Kevin Van Meter e Bernard Marszalek fizeram importantes sugestões. Meus amigos do Blue Mountain Center me deram um precioso mês a mais para escrever a primeira versão em setembro de 2006, pelo qual serei eternamente grato. Colegas de lá, principalmente Andrew Boyd, Alyce Santoro e Camellia Phillips, deram incentivo e apoio, e até me ajudaram a dar nome ao livro. Laura Fraser, Jon Christensen, Jesse Drew, Brenda O'Sullivan, Iain Boal, Hugh D'Andrade, George Caffentzis, Enda Brophy, Lisa Ruth Elliot, Josh Wilson, Allyson Steinberg, Antonio Alcalá e Steve Wright leram partes do livro e fizeram comentários úteis. Agradeço a todas as pessoas que aceitaram sentar e deixar que eu as entrevistasse, ou que responderam às perguntas que eu enviei por email. No Burning Man de 2003, falei com mais de duas dúzias de pessoas, mas, na maioria das vezes, não anotei os nomes delas, apenas seus empregos regulares e suas ideias. Peter Davidson, Pete Morse, Cacey Cullen, Suzahna Poliwka e Julie Sparling estavam entre as que foram entrevistadas lá, mas eu agradeço igualmente às outras. Para o capítulo sobre hortas, falei com Pam Peirce, Mark Leger, Nan Eastep,

Justin Valone e Jeffrey Miller; Nick Bertoni, da Tinker's Workshop, de Berkeley, foi receptivo e carinhoso; Erik Ohlsen falou com prazer sobre permacultura, hortas comunitárias e política global; os ativistas dos biocombustíveis Claudia Eyezaguirre, Sara Hope Smith, Jonathan Youtt, Ben Gillock, Bianca Sopoci-Belknap, Sarah Lewison e Nicole Cousino; os programadores/organizadores Will Doherty, Guillermo Payet, Ed Phillips; os ciclistas Robin Haevens, Martin Luegers, Ted White, Jessie Bassbaum, Catherine Hartzell, Eric Welp, Ben Guzman, Bill DiPaola, Jay Broemmell, Jarico, Karl Anderson e Rachel Spiewak. Agradeço, também, aos vários autores cujas palavras eu citei à vontade em *Nowtopia*. Obrigado, igualmente, a Jasmine e Atessa Chehrazi, que foram à Chain Reaction, em Washington, capital, para apresentar as minhas perguntas; Jasmine transcreveu a entrevista e me mandou as transcrições para que eu pudesse trabalhar nelas.

Chris Carlsson

* * *

Esta edição brasileira contou com a colaboração de muitas pessoas, desde aquelas que viabilizaram o financiamento coletivo do I Fórum Mundial da Bicicleta – que permitiu a participação de Chris Carlsson naquele evento – até aquelas que de forma mais ativa debateram os termos da tradução. A todas elas os nossos agradecimentos. Desse grande grupo, não podemos deixar de nominar algumas pessoas que se dispuseram a doar parte do seu tempo para tornar a versão brasileira de *Nowtopia* uma realidade: Anelise de Carli, Caroline Nogueira, Daniel Cunha, Fernando Silva, Livia Araujo, Marcelo Kalil, Marcelo Sgarbossa, Nanda Isele Gallas Duarte, Maria de Nazareth Agra Hassen, Sergio Pamplona, Sergio Kalil, Tatiana Achcar, Thiago Benicchio. Nossa gratidão especialmente ao Chris pela generosidade de compartilhar conosco seu conhecimento, pela confiança em nosso trabalho e pela liberdade que tivemos na elaboração desta obra.

Tomo Editorial

SUMÁRIO

PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA	O MELHOR LUGAR DO MUNDO É AQUI E AGORA	9
INTRODUÇÃO	UMA NOVA POLÍTICA DO FAZER CRIATIVO	15
CAPÍTULO 1	SEMENTES DOS NOVOS ESPAÇOS COMUNAIS	23
CAPÍTULO 2	A CLASSE ESTÁ DISPENSADA!	33
	Ascensão e queda de uma classe trabalhadora industrial	36
	A classe desfeita	43
	A revolta contra o profissionalismo	48
	O mito da classe média	52
CAPÍTULO 3	“O QUE VOCÊ ME VÊ FAZER NÃO É O QUE EU FAÇO”	61
	Por que “composição de classe”?	63
	Além da subordinação	67
	Faça você mesmo	69
CAPÍTULO 4	CONTESTANDO A EVOLUÇÃO DA CIÊNCIA	79
	Intelecto geral	81
	Lendo o livro da natureza: a nova (antiga) ciência da permacultura	83
	Ciência reducionista	86
	A velha ciência encontra a nova	91
	Abundância, limites e responsabilidade	99
	Permacultura e ação direta	103
CAPÍTULO 5	CULTIVADORES DE TERRENOS BALDIOS	109
	Imóveis privados (cercamentos) <i>versus</i> terras públicas (comunais)	121
	O trabalho doado livremente gera uma nova composição de classe	126
	Hortas urbanas e segurança alimentar	131
	Mantendo a horticultura simples e limitada	137
	Jiu-jitsu urbano	139

CAPÍTULO 6	CICLOATIVISMO	143
	A bicicleta fora da jornada de trabalho assalariado	150
	Espaços autônomos ou pequenas empresas?	152
	Fanzines ciclistas e mulheres ciclistas	156
	Entregadores ciclistas	162
	Passeios	168
	Contestando a tecnosfera	172
	Composição de classe e comunidade	177
CAPÍTULO 7	COMBUSTÍVEL GRÁTIS: O GRAAL DO FUÇADOR	185
	Caravanas em proliferação	189
	Faça você mesmo: fuçadores rumo a tecnologia apropriada	197
	O trabalho dos biocombustíveis: fazendo e desfazendo classe	202
	Grande capital <i>versus</i> sustentabilidade?	209
CAPÍTULO 8	A ESPINHA DORSAL VIRTUAL DOS ESPAÇOS COMUNAIS	217
	Uma breve história da internet	220
	Fazer da tecnologia algo novo	225
	O cognitariado trabalha de graça	234
	Redes de comunidades	240
	Um espaço comunal auto-organizado	243
CAPÍTULO 9	BURNING MAN: EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE CLASSE TRABALHADORA, NO ESTILO “FAÇA VOCÊ MESMO”	249
	Uma hora de verificação	251
	Economia do dom, livre de comércio	253
	Classe na poeira	257
	O fim da comunidade - vida longa à comunidade!	260
	Tornando a tecnologia nossa	264
	Trabalho libertado <i>versus</i> labuta inútil	265
CAPÍTULO 10	UM MUNDO MUITO MELHOR NOS AGUARDA	269
	A armadilha da cooptação	271
	Entramos para a <i>história</i>	273
	A armadilha do privilégio	275
	A armadilha tecnológica	281
	Partir, juntos	286
	NOTAS	291
	BIBLIOGRAFIA SELECIONADA	309
	SOBRE O AUTOR	315

PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA

O MELHOR LUGAR DO MUNDO É AQUI E AGORA

Este não é um livro usual, do tipo em que alguém tem algo a comunicar, e os demais vão receber informações, dados e análises que guardarão em gavetas ou armazenarão em arquivos privados – *Nowtopia: iniciativas que estão construindo o futuro hoje* não tem mão única. O leitor sai dele tão entusiasmado com as iniciativas descritas, com as possibilidades de ação coletiva, tão revigorado por saber que sua *anormalidade* é bastante *normal* em tantos lugares e entre tantas pessoas, que parece que ele está à mesa, tomando café com um sábio, observador e crítico de seu tempo e do tempo futuro. Aliás, se há alguém com quem vale a pena sentar à mesa e trocar ideias, essa pessoa atende pelo nome de Chris Carlsson. O leitor, na varanda de uma casa bioconstruída, enquanto aprecia um pão vindo de uma padaria comunitária, saboreia verduras e legumes orgânicos trazidos de uma horta de vizinhos, observa sua bicicleta estacionada à frente da casa. A conversa flui e, quando se der conta, terá compreendido como se deu o colapso dos combustíveis fósseis, como a riqueza foi se concentrando na mão de poucos, o quão mau gestor do mundo e da natureza tem sido o capitalismo e como as estruturas tradicionais de organização dos trabalhadores não têm apontado saídas reais. Nosso leitor será ainda apresentado aos entrevistados de Carlsson, pessoas-chave para se compreender o movimento de resistência ao já estabelecido, de superação das velhas fórmulas, que vem ocorrendo nos Estados Unidos.

Carlsson, ao longo do livro, abusará do termo *tinkerers*, aqui traduzido por *fuçadores*. Todo mundo conhece alguém que não se limita às instruções de uso das máquinas, mas penetra nos seus meandros, desmonta e remonta até decifrar o mecanismo. Pessoas que juntam pe-

ças e descartes aparentemente incompatíveis para dar um novo sentido ou uso. Mas esses *faz-tudo*, *mexedores*, *inventores* não param aí: arrojadamente criam protótipos, modelos alternativos, ideias que começam individuais e se tornam coletivas, soluções ambiental e socialmente corretas e que, de quebra, ainda têm a potencialidade de agregar outros em torno de um mesmo sentido e assim criar a noção de comunidade, de socialização de conhecimento, de partilhamento de bens humanizados e de ação colaborativa. Não se trata apenas de maquinário, mas de todos os componentes da vida humana, cuja produção pode retornar à escala micro, para uso próprio e da comunidade.

O termo *Nowtopia*, ou *utopia do agora*, parece uma brincadeira se escutarmos a palavra inglesa como se fosse portuguesa (Na utopia), sugerindo um paradoxo, caso recuperemos o sentido buscado por Thomas More no seu clássico. Utopia (οὐ= “não” e τόπος,=”lugar”, portanto, o “não lugar” ou “lugar que não existe”) parece incompatível com a ideia de algo que já está, neste lugar e neste tempo. Como os *nowtópicos* – estas pessoas inconformadas (também no sentido de que não estão conforme a norma) –, já vivem esta realidade e estão espalhados por toda a parte, para conhecermos a *Nowtopia*, só precisamos prestar atenção em nossas cidades e localizá-los. Eles trocaram seus carros particulares por bicicletas, eles estão dispostos a sair do mundo corporativo competitivo e ingressar no mundo comunitário e comunicativo, eles estão plantando alimentos em terrenos, telhados e quintais, estão reciclando objetos e resíduos, compartilhando informações pela internet, estão buscando manter-se saudáveis por meio dos saberes tradicionais, de medicinas alternativas e de prevenção. Muito provavelmente, embora Carlsson não descreva esta categoria, estão vivendo sem usar e explorar os animais, reconhecendo neles novos sujeitos de direitos.

Os *nowtópicos* não são guiados, não têm comportamento de rebanho, tampouco são angelicais ou cumpridores da norma, recusam a imposição hierárquica e atuam horizontalmente. Subvertem as determinações de um mundo padronizante, reagem, contestam, subvertem, desobedecem.

As entrevistas que Carlsson nos apresenta revelarão pessoas que abdicaram de empregos em corporações que subtraíam seu tempo vivo e passaram a se dedicar a atividades que cumprem uma função existencial plena ou, não tão radicalmente, revelarão pessoas que acrescentam ao trabalho assalariado atividades que realizam no tempo que lhes sobra e que as gratificam e dão sentido às suas vidas, compensando o tempo

morto nos seus empregos. Essas gratificações vêm pela consciência de saber que podem fazer coisas importantes por si mesmas, saindo da lógica do consumo e do capital, e podem criar ou inserir-se em comunidades com propósitos equivalentes. Essas pessoas se colocam na contracorrente, na contracultura, nos interstícios do capitalismo, apropriam-se das tecnologias e abusam da criatividade para propor soluções arrojadas e as compartilham de forma generosa. É o caso do software livre, do uso da bicicleta como meio de transporte e dos biocombustíveis e energias menos poluentes, do plantar seu próprio alimento e dividi-lo com vizinhos, da utilização verdadeira dos espaços públicos, das bioconstruções e da permacultura, e de todas as coisas produzidas na modalidade “faça você mesmo”.

Provavelmente você, leitor, fará o tempo todo comparações com iniciativas equivalentes que acontecem no Brasil, algumas de forma muito incipiente, outras mais amadurecidas. Infelizmente aqui ainda não dispomos de dados para que a comparação se dê no mesmo nível de profundidade que se encontra sobre o caso dos Estados Unidos descrito neste livro.

Alguém mais sintonizado com os movimentos de resistência no Brasil evocará as crescentes experiências de hortas urbanas, residenciais ou comunitárias, das ecovilas, da agricultura familiar sustentável e orgânica. Vai também se dar conta da presença e força do software livre, e que microrrevoluções pululam pelo país, impulsionadas por novas formas de comunicação e mídias que incluem as redes sociais. Saberá do quanto a Massa Crítica, ou a Bicletada, se espalhou pelo país, sem deixar de recordar do terrível atropelamento que sofreram os ciclistas em Porto Alegre e cujo indiciado, passados três anos, sequer foi a julgamento. Terá visto ou quiçá participado de eventos de Vaga Viva (quando moradores dão vida a vagas de estacionamento e entre tapetes, flores e bancos, trocam experiências, conversas, brincadeiras e comidinhas num convívio descompromissado), pessoas que aderem ao *Slow Food*, à simplicidade voluntária (a recusa opcional e consciente ao consumismo), jovens que de bicicleta ou a pé jogam granadas de sementes em áreas degradadas, terrenos baldios ou vazios urbanos – onde não é possível entrar para fazer a jardinagem –, pessoas que praticam ações condizentes com a Frente de Libertação Animal, a crescente adesão, especialmente da juventude, ao veganismo, feiras orgânicas, cestas semanais compradas direto do produtor de agricultura familiar, eventos de comida na rua, entre muitas outras propostas humanizantes. De fato esse observador

da atualidade no Brasil não deixará de notar as novas organizações não convencionais que articulam segmentos sociais, normalmente esquecidos e espezinhados, fazem ouvir suas reivindicações e exigem seus direitos. Notará que templos sagrados do consumo já não são garantia de ferrolho de classe e que ações de destruição ou apropriação privada do espaço público não passam sem denúncias e resistência.

Uma iniciativa importante de nowtópicos brasileiros foi a criação do Fórum Mundial da Bicicleta, com a terceira edição em 2014. Foi no primeiro FMB, com a presença de Chris Carlsson, que se ensejou a possibilidade desta publicação agora concretizada, a partir da sugestão de dois Marcelos, o Kalil e o Sgarbossa. Gestada graças à participação colaborativa de muitas pessoas, é justo que a edição brasileira do *Nowtopia* saia por uma editora comprometida com questões ambientais e o terceiro setor e na qual os trabalhadores optaram pela bicicleta como meio de transporte, inclusive o tradutor, Roberto Cataldo Costa. Muitas pessoas, de várias partes do Brasil, colaboraram de diferentes formas doando seu tempo livre e seus talentos para a viabilização da publicação brasileira.

No lugar de serem considerados exóticos, excêntricos, malucos, os nowtópicos deveriam se identificar com a frase encontrada logo aí adiante neste livro:

Um exame profundo de nossa cultura revela rapidamente as grandes lacunas entre aquilo a que nossa sociedade se dedica e aquilo em que se concentraria se nosso objetivo fosse uma vida boa para todos. Num mundo atomizado, cada vez mais esvaziado de sentido social e propósito comum, essas dinâmicas geram muitos refugiados da “vida normal”.

Assim como na natureza nem tudo são flores, os nowtópicos não estão protegidos da falta de consciência de classe e do risco de cooptação pelo sistema, e, portanto, Chris Carlsson não se aventura a prever o futuro da *Nowtopia*. Há até certo receio decorrente da pouca adesão da classe trabalhadora e da sociedade em geral:

A vida fácil da abundância também foi arruinada pela realidade do “avanço” tecnológico, o qual, dado que os avanços nunca são adequadamente avaliados, é rotulado como “progresso”. Bombas-relógio tecnológicas – químicas, radioativas e biológicas – fazem tique-taque em laboratórios, fábricas e campos de todo o mundo. Enquanto isso, os trabalhadores em tradicionais ocupações fabris

ou semelhantes se esforçam para conservar sua situação, sua renda e seus direitos sociais que estão associados àquele emprego, em vez de questionar as bases e os imperativos tecnológicos dos empregadores.

Ao terminar o café com Chris Carlsson e/ou a leitura do livro *Nowtopia*, se o leitor tiver alguma dúvida sobre que novo sentido dar a sua vida, pode atender ao chamado do diretor de cinema Michael Moore na parte final do filme *The corporation* (dirigido por Mark Achbar, Jennifer Abbott e Joel Bakan):

Consigo divulgar meu trabalho porque aproveito essa brecha do capitalismo, a falha da cobiça. O ditado diz que o rico venderá a corda para se enforcar se ele achar que lucrará com isso. Sou a corda, sou parte da corda, assim espero. Eles acham que, quando as pessoas assistirem a esse filme, não farão nada, porque um bom trabalho de entorpecimento de suas mentes já foi feito, tornando-as idiotas. Que elas não deixarão o sofá para uma ação política. Eu penso o oposto, penso que as pessoas sairão do sofá e farão algo para retomar o mundo.

Fica aí o convite para integrar a *Nowtopia*, não amanhã, mas aqui e agora mesmo.

Maria de Nazareth Agra Hassen

INTRODUÇÃO

UMA NOVA POLÍTICA DO FAZER CRIATIVO



Nowtopia é um livro sobre uma nova política de ação criativa. Traça o perfil de pessoas atuantes, criativas, fuçadoras, com espíritos improvisadores que trazem uma abordagem renovada e levam adiante tarefas importantes, em geral, ignoradas ou subvalorizadas pela sociedade do mercado. Enraizada em práticas surgidas nos últimos tempos, a explanação que *Nowtopia* faz da ação criativa delineia um importante fio condutor na política de classe autoemancipatória que vai além da tradicional arena do trabalho assalariado.

Cada vez mais pessoas, reconhecendo a degradação inerente às relações comerciais, criam redes de atividades que rejeitam o dinheiro como medida. Redes dispersas e virtuais têm crescido graças à difusão da internet e de outras tecnologias da telecomunicação. Novos tipos de “famílias”, baseadas em valores compartilhados, formas alternativas de moradia e de relações não econômicas, vêm tomando forma dentro da velha sociedade. Os nowtópicos estão estabelecendo ou reavivando comunidades, redes e circuitos humanos de onde novas iniciativas provavelmente continuarão a surgir por muito tempo. Essas novas comunidades traduzem o esforço de seres humanos para transcender suas vidas de escravos assalariados. Por meio de novas experiências de ação e de convivialidade, eles assumem uma cultura que rejeita o mercado, o dinheiro e os negócios. Utilizando a tecnologia de forma criativa e experimental, os nowtópicos que conheceremos aqui estão envolvidos em um novo tipo de revolução dos rumos da sociedade. Em uma infinidade de comportamentos, de maneiras pequenas e “invisíveis”, essas pessoas estão retomando as rédeas de seu tempo e utilizando o conhecimento tecnológico do mercado, para não somente tornar a vida

melhor no presente, mas também para construir os alicerces, técnica e socialmente, de um verdadeiro movimento de libertação em relação à vida dominada pela lógica do mercado. Tais atos práticos podem ser mais bem entendidos em termos de classe e, em última análise, de uma sociedade sem classes.

À medida que o capitalismo dá continuidade a seu impulso inexorável para encurralar todo e qualquer centímetro do planeta dentro de sua lógica de dinheiro e de mercados, ao mesmo tempo em que busca colonizar até nossos pensamentos e controlar nossos desejos e comportamentos, surgem novas práticas que vão redefinindo a política e abrindo espaços de imprevisibilidade. No lugar de formas políticas tradicionais, como sindicatos e partidos, as pessoas estão se reunindo em torno de projetos práticos. As novas configurações raramente surgem a partir de locais de trabalho e bairros específicos, assim como poucas vezes os participantes individuais concebem seus projetos apenas em termos político-partidários, principalmente em razão da ideia de que tal “política” foi colonizada pelas grotescas campanhas de propaganda que são típicas da democracia eleitoral ritualizada. As questões cotidianas em relação a como vivemos, o que fazemos, como definimos e atendemos nossas necessidades tendem a ser entendidas para além ou fora da política formal. Como veremos, porém, todas as atividades nowtópicas são profundamente políticas.

A mesma inventividade e o mesmo gênio criativo antes atribuídos ao capital e às empresas estão sendo aplicados à ecologia planetária. Reagindo localmente diante das catástrofes globais em curso (várias delas, evitáveis, se realmente tentássemos), amigos e vizinhos estão redefinindo muitos dos alicerces tecnológicos cruciais da vida moderna. Essas redefinições são produzidas por meio de programas de P&D de garagem ou fundo de quintal, entre amigos que usam os detritos da vida moderna. Nossos bens comuns atuais assumem a forma de bicicletas descartadas e restos de óleo vegetal de fritura, terrenos baldios e conexões de internet abertas. “Mercados verdadeiramente livres”, antimercedorias, festejos e serviços gratuitos são *produtos* criativos de uma antieconomia, temporariamente em construção por pessoas que trabalham em conjunto e inventam livremente. Elas não estão esperando por uma transformação institucional que venha de cima, e sim dando continuidade à construção do novo mundo na casca do velho.

Independentemente de ideologia ou religião, quase todos os agrupamentos humanos estão profundamente envolvidos na ajuda

e na dependência mútuas. A confiabilidade desse tipo de apoio é o tijolo com o qual se constrói a solidariedade comunal, que vai de trabalhadores brutalizados a redes de ecoativistas, passando pela direita religiosa. No contexto de uma economia de âmbito mundial, que poda sistematicamente a criatividade, a cooperação e a comunidade humanas, é profundamente subversivo preservar e ampliar essas conexões extraeconômicas. A união para atender a necessidades básicas reproduz as comunidades e pode levar a novas redes de convivência humana solidária. Os vínculos que assim se criam e a experiência material de cooperação fora da regulamentação econômica tornam-se um terreno fértil para a reflexão e a prática estratégicas e táticas que enfrentam a objetificação cotidiana à qual o capitalismo nos reduz a todos.

Muitas palavras já foram escritas na tentativa de descrever as novas frações sociais que continuam surgindo das hierarquias e condições complexas e multifacetadas da vida moderna. *Slackers*, os que enrolam no trabalho, *bohemians*, do meio artístico e intelectual, gerações X, Y e Z, *no collar workers*, os trabalhadores intermediários entre o braçal e o intelectual, e muitas outras expressões tentam captar as identidades parciais, temporárias e desprovidas de raízes que suplantaram velhas ideias de classe trabalhadora. Essas novas identidades fracionárias designam um sentido de identidade mais amplo, com uma política vagamente dissidente, mas ainda ligada ao emprego, mesmo que de forma tênue. Os movimentos radicais de trabalhadores dos últimos dois séculos sempre estiveram firmemente enraizados no local de trabalho capitalista. Na verdade, o trabalhador, como tal, tem sido definido por sua relação com a produção capitalista. Os impulsos radicais de hoje em dia estão sendo desenvolvidos fora dos limites do trabalho assalariado, concebidos e implementados por pessoas determinadas a escapar das limitações de “meros trabalhadores”. As teorias tradicionais tendem a desconsiderar esses esforços, tomando-os como simples passatempos ou opções de estilo de vida, não sendo capazes de enxergar a trajetória mais profunda do êxodo em relação à sociedade capitalista que esse tipo de *atitude* define.

Neste livro, conheceremos um amplo leque de pessoas que estão lutando com a dualidade entre ganhar a vida e expressar sua humanidade integral – o trabalho assalariado e o trabalho escolhido livremente. Essas pessoas representam um tipo diferente de resposta da “classe trabalhadora” às condições de vida no início do século XXI, precisamente porque sua resposta está acontecendo no tempo “livre”, fora de seus empregos

definidos pelo trabalho assalariado. Ben Guzman ganha dinheiro trabalhando como editor de vídeo em comerciais de TV em Los Angeles, mas sua verdadeira paixão o levou a cofundar a Bike Kitchen, uma das dúzias de oficinas de bicicletas no estilo “faça você mesmo” que surgiram em vários lugares do mundo na última década. Atualmente, Robin Haevens leciona em uma escola pública do ensino médio, mas começou dando aulas gratuitas de manutenção de bicicletas após o horário escolar em um dos bairros mais problemáticos de São Francisco. Ela está no meio da subcultura do cicloativismo por mais de uma década, publicando por conta própria e colocando em prática a cultura anticomercial “faça você mesmo”. Will Doherty saiu de uma grande empresa de informática e fundou o Online Policy Group, uma organização que oferece recursos de informática gratuitamente a grupos politicamente vanguardistas. Guillermo Payet é um ex-empresário do setor das “pontocom” que dedicou seu tempo livre e seu conhecimento a criar um projeto de software de código aberto para ajudar a agricultura local, e os pequenos agricultores que a praticam, a construir um sistema alternativo de alimentos (www.localharvest.org). Como ele, programadores anônimos no mundo todo trabalham em complexos projetos conjuntos que apontam para uma infraestrutura de comunicações inédita, a qual, algum dia, poderá vir a ser a espinha dorsal de uma sociedade autogestionada.

O que vemos no movimento nowtópico não é uma luta pela emancipação dos trabalhadores dentro da divisão capitalista do trabalho (o melhor que se pode esperar da estratégia dos sindicatos, se lhes dermos o benefício da dúvida). Em vez disso, vemos pessoas respondendo ao excesso de trabalho e ao vazio de uma vida bifurcada que é imposta no mercado precário. Elas buscam se emancipar de sua condição de meros trabalhadores. Para as pessoas que se empenham em escapar do labutar infundável que caracteriza o consumismo e o excesso de trabalho, o tempo é mais importante do que o dinheiro. O acesso a bens tem sido o principal incentivo à aceitação da ditadura da economia, mas, em bolsões aqui e ali, a sedução da riqueza material oca, e com ela, a disciplina imposta pela vida econômica, está se desfazendo.

Ansiando por uma vida que vá além do dinheiro, o festival anual Burning Man atraiu dezenas de milhares de pessoas ao deserto ao norte de Nevada, em busca de conexões autênticas e de liberdade artística. Secretárias em meio-expediente, bioquímicos que viraram zeladores, acadêmicos aposentados, trabalhadores sociais, faz-tudos, mecânicos, assessores jurídicos e tantos outros funcionários escapam para o deserto

querendo se reinventar e descobrir novas relações em um ambiente livre de comércio (e, ironicamente, caro).

O biodiesel é um bom exemplo de como a ação criativa provoca transformações. Tudo o que os fuçadores e experimentadores fizeram em recantos escondidos durante as últimas décadas serviu de ponto de partida para uma ampliação radical do ativismo de base pelos biocombustíveis, levando à tão propagandeada “chegada” desses combustíveis, como declararam os governos e as grandes multinacionais. Dentre as ações criativas, podemos listar as cinco mulheres que fizeram o documentário *The fat of the land*, contando como cruzaram as estradas dos Estados Unidos com óleo vegetal coletado do lixo em meados dos anos 90 e as centenas de viagens feitas desde então por caravanas de ônibus usando biocombustíveis. Claudia Eyzaguirre, professora, reagiu ao 11 de setembro de 2001 cofundando o Berkeley Biodiesel Collective. Mas a história está longe de ter terminado.

A horticultura urbana também está surgindo e se disseminando por cidades de todo o continente. Com práticas tradicionais e inventivas, imigrantes e pobres retomaram zonas abandonadas e desindustrializadas, produzindo alimentos e vida a partir de paisagens arruinadas e criando novas comunidades humanas ao longo do processo. Nan Eastep faz parte das City Slicker Farms, na zona oeste da cidade de Oakland, que produzem pequenos cultivos em terrenos baldios para fornecer produtos agrícolas frescos, em áreas excluídas dos novos movimentos de comida gourmet. Mark Leger trabalha em escritório há muito tempo, mas se serviu de suas memórias de infância no Vale Central da Califórnia para, em seu tempo livre, ajudar a apoiar e ampliar um florescente movimento de hortas comunitárias no Brooklyn, em Nova York. Pam Peirce é fundadora da já extinta San Francisco League of Urban Gardeners (SLUG), e antes tinha sido uma figura importante no People’s Food System que cresceu na esteira da onda comunalista de final dos anos 60 e dos 70. Participou das iniciativas sem fins lucrativos para institucionalizar os movimentos populares por alimentos e hortas, dos quais restam mais de cem hortas públicas controladas localmente e as comunidades e processos políticos associados a elas.

Neste livro, investigo o que as pessoas estão fazendo em termos de ações criativas, especificamente o trabalho autodirigido realizado fora do âmbito do trabalho assalariado. Esse trabalho autodirigido pode ser mais bem entendido em termos de classe e, em última análise, de uma sociedade sem classes. Os dois componentes cruciais são o *tempo* e a

tecnosfera. As pessoas estão envolvidas em atividades que acontecem fora de seus empregos, em seu chamado tempo “livre”. Essas práticas, que costumam ser demoradas e cansativas, por sua vez, exigem o compartilhamento e a ajuda mútua, e constituem, assim, o início de novos tipos de comunidades. Isso representa uma “recomposição” da classe trabalhadora, muito embora a maioria dos participantes não assuma essa estrutura. Como essas pessoas estão envolvidas na apropriação criativa das tecnologias para propósitos relacionados a seus próprios desígnios e escolhas, essas atividades corporificam a transcendência (parcial) em relação à prisão do trabalho assalariado por parte de “trabalhadores” que percebem ter coisa melhor para fazer. São pessoas que se mobilizam trabalhando nos fluxos de resíduos e nos espaços abertos do capitalismo tardio, imaginando novas práticas enquanto redefinem o propósito da vida.

Não tenho qualquer pretensão de ser abrangente nem de que minha seleção relativamente pequena de sujeitos entrevistados seja por certo a “história verdadeira”; outras investigações baseadas em premissas, perguntas e indivíduos diferentes poderiam produzir visões bastante distintas. Mas eu afirmo que as pessoas com quem falei refletem uma transformação mais profunda. Perguntei sobre seus trabalhos não remunerados, geralmente em conjunto e em redes de cooperação social intensiva, tentando entender como essas práticas se mantêm “livres” da lógica do mercado ou se são reincorporadas em comportamentos mercantilizados e economicamente definidos. Geralmente, há um conflito permanente ou, pelo menos, uma tensão, no ponto de contato entre essas diferentes formas de se envolver em trabalhos. Pode parecer surpreendente ou paradoxal, mas minha investigação mostra que, quando libertadas das limitações coercitivas do trabalho assalariado e da hierarquia arbitrária, as pessoas se dedicam mais.

Os sujeitos de minha investigação estão todos engajados em iniciativas locais, firmemente enraizados em suas vidas cotidianas e seus lugares físicos. Esses exemplos locais poderiam ser tomados como anomalias no contexto de um mercado mundial voraz, em constante expansão, cuja lógica continua a romper e destruir a vida humana e natural em favor do lucro e por meio da exploração. Mas, como observou o geógrafo David Harvey, exemplos de “particularismo militante” como os que encontramos em *Nowtopia*, começam em nível local, mas podem se espalhar pela sociedade com velocidade surpreendente. O novo aparato de produção global ajuda a acelerar a ampliação da sociedade de merca-

do, é claro, mas também está acelerando a difusão da oposição social, o compartilhamento de experimentos e alternativas. Nosso momento na história é pelo menos tão revigorante quanto assustador.

As iniciativas de rompimento para criar ilhas de utopia (seja o socialismo em um só país, cooperativas, coletivos e outras alternativas sociais de menor escala) sempre floresceram nas margens da sociedade capitalista, mas nunca a ponto de um modo de vida radicalmente diferente conseguir suplantar a vida cotidiana da sociedade de mercado. O impulso dos negócios, da “compra e venda”, da sobrevivência econômica também exercem, todos, enorme pressão sobre as iniciativas descritas em *Nowtopia*. Os nowtópicos, e qualquer pessoa que esteja determinada a se libertar das restrições da vida economicamente definida, enfrentam as mesmas limitações históricas que acoossaram todas as iniciativas anteriores voltadas a escapar. Os padrões de criatividade e de inventividade tecnológica, somados a novas comunidades que estão surgindo poderiam ir além da cooptação e da reintegração que absorveram movimentos autoemancipatórios anteriores? Não me parece que este livro possa responder definitivamente, mas, ao situar este momento histórica e teoricamente, espero fortalecer suas capacidades e, talvez, aumentar seu poder de ir mais longe do que as iniciativas anteriores, rumo a um mundo produzido por nós mesmos.